

A PAIXÃO DE SUGGIA

NOTAS SOLTAS SOBRE UMA MULHER APAIXONADA PELA VIDA E PELA MÚSICA **GUILHERMINA SUGGIA, A MAIS CÉLEBRE VIOLONCELISTA PORTUGUESA**

Texto de VALDEMAR CRUZ



SOAM estranhos os lamentos do violoncelo tocado com a raiva dos devotos vencidos. É o fim. Suggia refugia-se na casa do Porto. Casals está destruído. Fica em Paris. Escreve à amiga Sophie Weisse e larga o desabafo sentido de um Pablo ensimesmado: «*Malheureusement nous touchons à la fin.*» O fim pode ser o instante de partida para começar de novo. Mesmo se é um fim dramático, apesar da dor contida e escondida nas oscilações do arco trémulo por onde aquele homem tímido faz escorrer as **Suites de Bach**.

São assim as paixões intensas, violentas. Ainda há pouco, Guilhermina Suggia passara um Verão de encher o coração com Pablo Casals na residência de férias, em San Salvador, Espanha. Agora, na Villa Molitor, nos arredores de Paris, tudo está feito em cacos. O amor e os objectos que pontuaram as seduções de noites intensas. A sala grande entardece com o ar desolado de um campo de batalha após a deserção das tropas. Louças partidas, paredes riscadas, vidros estilhaçados, carpetes imundas, tamanha foi a fúria de uma zanga há muito anunciada.

Suggia, portuense, era divina a tocar violoncelo nos salões da Europa burguesa do princípio do século. Casals, catalão, era a personificação do sublime associado à imagem de Deus na elaboração dos sons mágicos saídos daquele instrumento estranho e ainda considerado pouco próprio para senhoras.

Queria lá saber disso, Suggia. A audácia dos seus 20 anos impelia-a a transgredir todas



Estátua de Guilhermina Suggia, no Porto

as regras estabelecidas e a agarrar no instrumento com a volúpia que transpira dos objectos do desejo. Não muito bela, com uns olhos faiscantes e um corpo pequeno, capaz de fazer brotar a intensidade de um vulcão quando se abraçava e confundia com o violoncelo, Suggia surgia como um caso raro de genialidade.

E gostava. Adorava. Comprazia-se na consolação infinita de se sentir olhada, observada, decomposta em cada movimento. Então, não se fazia rogada. Corria as melhores costureiras de Paris para lhe comporem os fatos e adornarem o corpo. Aquele corpo que parecia esfumar-se até se confundir com as ondulações do violoncelo. Compunha o olhar e o modo como se passeavam os olhos no exacto momento de

pisar o palco e avançar aqueles poucos metros até parar diante da orquestra.

UMA MULHER COM POSE

SUGGIA chegava e o silêncio emergia, esmagador. Aquela pose quase arrogante garantia-lhe a audiência na palma da mão. Depois fechava-se. Encerrava o olhar como quem se entrega ao secreto prazer de calcorrear os caminhos construídos pelos jogos de seduções partilhadas até o êxtase final.

Ver e ouvir Suggia tocar o **Concerto para violino e orquestra** de Dvorak era assim como sufocar e gostar do sufoco. Sentir o corpo dorido pelos

arrepios mas desejar a continuação do flagelo. Desejar morrer e que a morte fosse o fascínio daquele som grave, arancado do húmus da terra.

Foi sempre assim, na música e na vida. Por isso a tensão de Casals, para quem a ligação com Suggia foi «**o mais cruel e infeliz episódio da minha vida**». Daí a intensidade das reflexões de Suggia quando, em entrevista ao «Primeiro de Janeiro», dizia, em 12 de Janeiro de 1943, que «**o violoncelo é o instrumento que melhor reproduz o angustiado lamento da voz humana ou a expressão triunfal dum cântico vitorioso de resgate e amor. Para se tocar violoncelo é preciso estreitá-lo num amoroso amplexo — como se fora uma mãe carinhosa embalando um filho bem-amado**». Ou

uma amante sequiosa do perfume de beijos adivinhados.

Tantos anos estavam passados desde aquele Verão de 1898 quando o pai, Augusto Suggia, natural de Lisboa, também ele violoncelista e antigo professor no Conservatório de Música, já residente em Matosinhos, a convite da Santa Casa da Misericórdia, leva Suggia a Espinho, de comboio, para ouvir um rapaz contratado pelo Casino.

CASALS AOS 13 ANOS

OFASCÍNIO pela música foi imediato. Com uma pendularidade quase religiosa, Suggia, uma rapariga de 13 anos, atravessava todas as semanas a Ponte Maria Pia para arribar às praias de Espinho e ouvir aquele violoncelista de 22 anos, instalado, com mais sete músicos, num café contíguo à sala de jogo.

Paciente, Casals dispunha-se a matar o tédio com audições várias de candidatos a uma carreira imaginária. Até um dia. Precisamente aquele dia em que pela frente, muito pequena, lhe surge uma menina franzina com um violoncelo adaptado ao seu tamanho, encomendado em Paris e oferecido pelo primeiro visconde de Villar d'Allen.

Parecia um caso sério. Pablo ficou impressionado e aceitou dar algumas lições a Guilhermina, sem imaginar as tremendas tempestades que aquele breve encontro lhe reservaria para o futuro. Sem sonhar com a rebeldia transbordante de um carácter forte. Suficientemente forte para frequentes vezes ter ousado contestar ►

► a autoridade didáctica do pai. Recusava a rigidez do método e permitia-se tentar desenvolver um estilo próprio, a que não era alheia uma fabulosa capacidade de entender a teatralidade inerente ao acto de dar um concerto. Ainda nada disso era consistente. A forma ainda não se confundia com o conteúdo.

Anos mais tarde, Suggia haveria de explodir em todo o esplendor. Senti-la tocar o **Concerto n.º 1 para violoncelo e orquestra** de Camille Saint-Saens era uma festa para o olhar. Poderia ser uma festa apenas vivida na intimidade exigida pelo recolhimento de uma obra tão intensa, mas era uma festa.

SUGGIA ERA O VIOLONCELO

QUADRO de Augustus John existente na Tate Gallery, de Londres, e reproduzido na capa do livro **Guilhermina**, de Mário Cláudio, exigiu múltiplas sessões de pose. Que Suggia aproveitava para brincar. Talvez com excertos das **Suites de Bach**, talvez com pedaços das incontornáveis **Sonatas para violoncelo** de Beethoven. O que resta, porém, é aquela figura imponente, porque, como hoje recorda uma das suas antigas alunas, Madalena Sá e Costa, «Suggia era o violoncelo, e o violoncelo era ela».

Guilhermina Augusta Xavier de Medim Suggia nasceu a 27 de Junho de 1885 na freguesia de São Nicolau, numa casa da Rua Ferreira Borges, no Porto. Cinco anos depois iniciou os estudos musicais, e aos 7 anos é pela primeira vez apresentada à sociedade no salão de festas da Assembleia de Matosinhos. Se o espanto fosse materializável em ondas sonoras ainda hoje se ouviriam as exclamações das senhoras e dos cavalheiros da melhor sociedade matosinhense e portuense. Acharam-na uma menina-prodígio. Adivinharam-lhe um futuro diferente.

Segue-se o Clube da Foz, o Grémio de Matosinhos e o clube de Leça, com Suggia quase sempre acompanhada pela irmã Virgínia ao piano. Foi uma sucessão de actuações em crescendo, com auge atingido a 22

de Maio de 1896, no antigo Teatro Gil Vicente, no Palácio de Cristal, para apresentação aos sócios do Orphéon Portuense. O centenário dessa apresentação, que marca o início da carreira de Suggia, está a ser assinalado pela Câmara Municipal de Matosinhos com uma exposição iconográfica e a edição do livro **A Sonata de Sempre**, de Fátima Pombo, professora de Estética na Universidade de Aveiro, violoncelista e autora de um outro livro: **Guilhermina Suggia ou o Violoncelo Luxuriante**.

Naquela noite ainda era cedo para uma tão forte e decidida preferência por alguns compositores. Suggia apenas queria tocar. Tocar muito, porque o tempo era de construir a sacração. É assim que chega ao Palácio das Necessidades, em Lisboa, em Março de 1901. À capital haviam chegado os ecos do sucesso obtido com o Quarteto Moreira de Sá, um dos mais prestigiados quartetos de cordas da primeira década do século na Europa, fundado por Moreira de Sá, avó da pianista Maria Helena Sá e Costa e da violoncelista Helena Sá e Costa, futura aluna de Guilhermina.

O MÍTICO QUARTETO

MOREIRA DE SÁ e o seu quarteto haveriam de transformar-se em algo de quase mítico na carreira de Suggia. Antes de mais porque pela primeira vez aparecia uma mulher na carreira de concertista. Como se não fora bastante, essa mulher era, afinal, ainda uma criança. Com apenas 13 anos, Suggia integrou pela primeira vez o quarteto num concerto promovido pela Sociedade de Música de Câmara e impressionou. Provocou inquietação vê-la ao lado de músicos consagrados, como Moreira de Sá e Henrique Carneiro (violinos) e Benjamim Gouveia (viola). Suggia jamais esquecerá este momento e esta espécie de rito de passagem, ao ponto de algumas das suas alunas considerarem que, se foi importante a vivência com Casals, a presença no quarteto portuense terá sido decisiva para a afir-



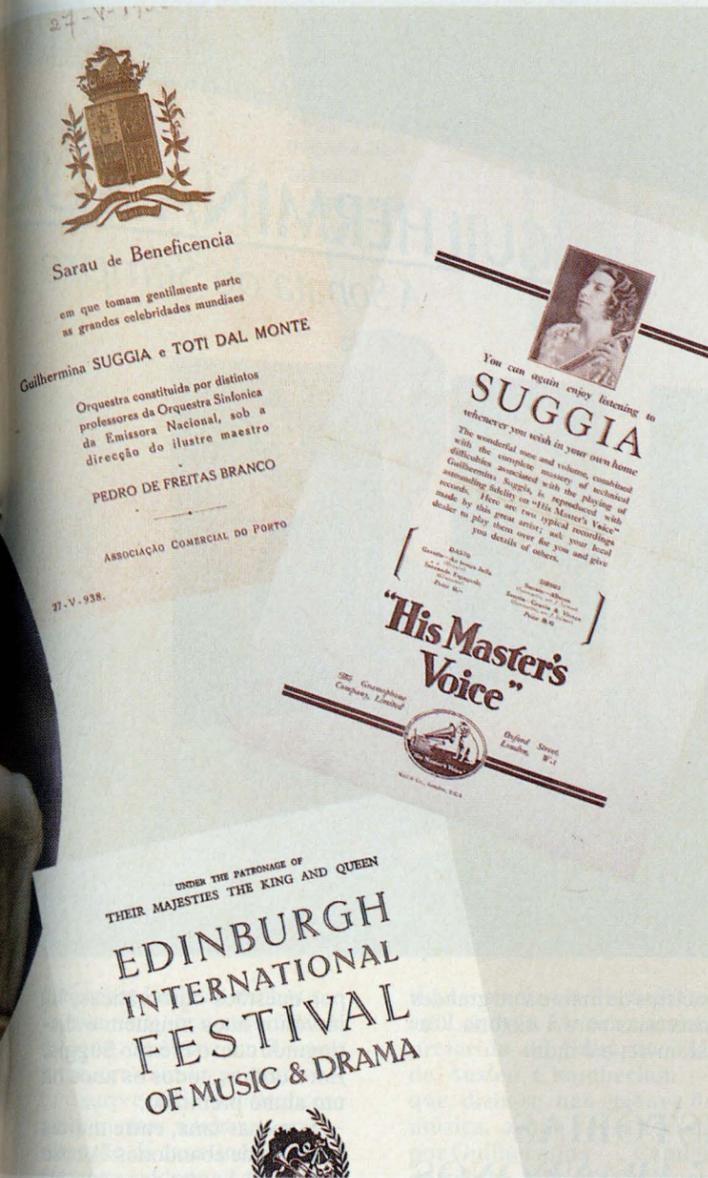
mação da genialidade de Suggia. Madalena Sá e Costa considera que quando a jovem Suggia vai para a Alemanha «é já uma violinista muito feita. Aprendeu muito com o pai, que era um grande violoncelista, e com o meu avó, na Sociedade de Concertos Orphéon Portuense».

Mas não nos precipitemos e deixemos o olhar num dos salões do Palácio das Necessidades, a abarrotar de senhoras de vestidos faustos e cavalheiros de fatos impecáveis, seguindo as melhores indicações das últimas revistas chegadas de Paris. Lá estão D. Carlos, D. Amélia, Maria Pia e, claro, Guilhermina Suggia. É ela a causa de tamanha agitação.

D. Amélia ficou comovida.

Não registam as crónicas se as lágrimas lhe toldaram o rosto, mas dão conta de um diálogo em que a violoncelista aproveita uma pergunta para afirmar o seu desejo de partir para a Alemanha, onde melhor poderia aperfeiçoar a sua técnica. É todo um novo mundo que ali se abre e constrói. A bolsa é-lhe concedida, e a jovem Guilhermina parte para Leipzig nos primeiros dias de Novembro de 1901. Tem 16 anos e vai ter lições com o grande violoncelista e mestre Julius Klengel.

A 28 de Novembro já o pai Augusto está a escrever ao seu amigo Michel' Angelo Lambertini, director da revista «Arte Musical», para lhe dizer que Julius Klengel «já ouviu Guilhermina e gostou mui-



to». Entusiasmado, disse «que em poucos meses ela poderá tocar no Gewandhaus, em Leipzig, e que depois disto tem a sua reputação feita».

GEWANDHAUS: O TRIUNFO

TOCAR na Gewandhaus era, para um concertista, o decisivo caminho para a sacração. Acontece que, neste caso, não se trata de um artista qualquer. Suggia é portuguesa e não passa de uma jovem adolescente. Todavia, Klengel, entusiasmado com o diamante que sabia ter entre mãos, apresenta Guilhermina à direcção da Gewandhaus e ao professor Arthur

Nikisch para poderem tirar as suas próprias conclusões.

O resultado não poderia ter sido mais animador. A pequena Suggia é convidada a tomar parte no XIX concerto, aprazado para 26 de Fevereiro de 1902, uma data para a história, tão invulgar foi o que naquela noite sucedeu na austera Gewandhaus. A ainda aluna de Klengel interpretou o **Concerto para violoncelo** de Volkmann e, diz Fátima Pombo no seu livro **Guilhermina Suggia ou o Violoncelo Luxuriante**, ocorre no final «um fenómeno de apoteose desusada. O maestro, perante um público que insistentemente gritava 'bis', sentiu-se obrigado a quebrar o regulamento e a permitir que a violoncelista, depois de

ter terminado todo o programa, repetisse na íntegra a obra executada. (...) Até então nunca tocara no Gewandhaus nenhum artista tão jovem e, pela primeira vez, apresenta-se como executante uma mulher».

A viagem da fama é por vezes avassaladora. A partir daquele momento, Suggia era um nome a ter em conta. A carreira fulgurante já está ao virar da porta. Paris, Estrasburgo, Baden-Baden, Heidelberg, Mannheim, Praga, Berlim transformam-se em mais do que apenas pequenos pontos numa mapa anónimo. Constituem a rota da consagração. Em Praga, diz Suggia num postal de 3 de Março de 1905, «a filha de Dvorak (...) disse que a interpretação era como o pai desejava». As cidades tombam como um baralho de cartas. Guilhermina passeia-se com ar triunfal. Viena, Bayreuth, Varsóvia, Hamburgo, Amsterdão, Basileia, Dresden, Londres, Munique, São Petersburgo, Frankfurt, Estocolmo, Copenhaga, Milão, Roma, Bucareste, Budapeste. O mundo parece pequeno e quase lhe cabe na palma da mão.

Lallo, Dvorak, Haydn, Saint-Saens, Bach, Beethoven, Debussy passam a ser as companhias diárias desta jovem sedenta de triunfo. Por entre estes monstros sacralizados começa a emergir um outro nome. Mais próximo e ao mesmo tempo tão distante: Pablo Casals. Reencontraram-se nas lições de Julius Klengel e iniciam uma relação ainda cheia de buracos negros, porque escasseiam as informações directas ou indirectas. Antes de morrer, Guilhermina queimou toda a correspondência trocada com Casals. O músico catalão também anulou dos seus arquivos pessoais as referências à mulher com quem viveu anos decisivos da sua vida.

OS MELHORES DO MUNDO

«TIMES», de Londres, chegou a dizer que «durante uns tempos, ela e Casals, ambos ibéricos, foram os melhores violoncelistas do mundo». Falta saber se não terá

sido precisamente esse o grande problema da relação que estabeleceram. A união só podia ser explosiva. Guilhermina era fulgurante e caprichosa. Casals era tímido e muito disciplinado. Em comum tinham a paixão pelo violoncelo, pela música e, depois, por eles. Transformaram a Villa Molitor, em Paris, num local de encontro de músicos, compositores e outros artistas. Organizavam-se ali extraordinários serões musicais, mas também era a partir dali que começavam a ser concebidos alguns dos boatos que haveriam de minar a união.

Alguns autores sustentam que o violoncelista catalão chegou a manifestar intenção de casar com Guilhermina, mas o seu sentido de independência e o temor de que esse gesto pudesse anular-lhe a carreira fizeram-na recusar sempre as propostas, embora chegasse a anunciar a algumas amigas a data do casamento. Para calar as boas consciências do Portoburguês, diz-se.

Num postal de Fevereiro de 1908, enviado para o Porto a partir de Roma, afirma-se convicta de que as amigas «já devem saber que me caso no próximo mês de Abril e só tenho pena que não seja no Porto. Casar-me-ei em Paris». Em Abril, novo postal. «Casei-me oficialmente com Casals.» Aquela era, naquele momento, a verdade que importava conhecer. A realidade era diferente, apesar de a não existência do contrato não impedir a deflagração do amor. Quem os rodeava sentia o fogo daquela paixão singular, e não escasseavam os compositores dispostos a dedicar-lhes peças. Até pelo supremo prazer de as ouvirem tocadas por aqueles dois génios.

O casal passou a fazer espectáculos em conjunto. França, Alemanha, Suíça e Rússia foram algumas das etapas. Às vezes iam passar férias para casa de amigos, como Julius Rontgen, um holandês que os recebeu em Novembro de 1907 e os acolheu até Dezembro. Mais precisamente até o dia 8. A visita acabou de forma inesperada. Deflagrou uma discussão violentíssima, e Suggia partiu para Londres. Casals deixou-se ficar, mas a ►

► ligação degradava-se a olhos vistos. O músico catalão entra em depressão pela primeira vez na idade adulta.

Quando se procuram razões para este e outros desentendimentos, o mais que se encontra é boatos. Consta que Casals tentava subalternizar Suggia e que a violoncelista portuguesa queria oportunidades profissionais para viajar e actuar a solo, de modo a colocar em evidência a sua condição de virtuosa. Admite-se que, por muito que apreciase o talento da companheira, Casals não conseguia tolerar esta necessidade de independência de Suggia. Sobre tudo não podia conceber que a violoncelista tivesse sucesso independentemente dele, ou apesar dele.

CIÚMES MÚTUOS

OS CIÚMES eram mútuos. A tensão não podia deixar de afectar as respectivas carreiras. O público parisiense começa a aperceber-se, ou a imaginar, a rivalidade entre os dois. O compositor Moor — que estava apaixonado por Suggia — dedica-lhes um concerto e atribui a Suggia o solo mais espectacular. Achas para uma fogueira de lume cada vez mais intenso.

Em Julho de 1910 ainda atravessam um dos melhores períodos da vida em conjunto. Em Maio de 1912, Casals apresenta Suggia em Londres como sua esposa, ela toca no Northlands, e é a última vez que viajam juntos para concertos. Em Setembro acontece o desenlace fatal. Casals chega um dia a casa mais cedo do que seria imaginável e encontra Suggia com um amigo da casa, agora aparentemente mais íntimo, o cavalheiro e músico escocês Donald Tovey.

A separação definitiva ocorre apenas pelo Ano Novo de 1913, e não terá sido muito pacífica. Contudo, jamais Suggia tentou capitalizar em seu proveito o nome de Casals. Apresentou-o sempre como o maior intérprete de violoncelo. Percebe-se hoje que ambos encerraram aquele capítulo das suas vidas. Pelo menos no que

FOTOGRAFIAS: RUI DUARTE SILVA



Aspectos da exposição dedicada a Guilhermina Suggia, organizada na sua cidade natal



à exposição pública diz respeito. Em privado tudo era diferente. Diz Fátima Pombo que Suggia se fechava no quarto «para ouvir Casals na rádio». Recorda Pilar Torres, professora do Conservatório de Música de Lisboa e uma das suas poucas alunas, que «numa tarde de Agosto de 1947 ofereceu-se para tocar com o disco de Casals ao mesmo tempo. Foi tudo muito intenso, porque exigia uma concentração notável». A cena passou-se no hotel da Foz do Arelho e foi filmada por um amante de touradas, que a seguir registou uma faena de Diamantino Viseu.

Tudo se perdeu, a não ser a memória de que, de novo, Suggia interpretou o Concerto de Dvorak e a certeza de que, naquela altura, já estava casada há 20 anos com José Casimiro Carateado Mena, um radiologista divorciado que conhecera em 1923 no Grande Hotel do Porto e nove anos mais velho que Suggia. Foi um casamento pacífico. Talvez

pacífico de mais e sem grandes memórias para a história. Casaram-se, e é tudo.

HISTÓRIAS DE ABANDONOS

OMODO como movimentava o arco constituía todo um tratado gestual. «O meu arco começa no meio das costas», dizia. E isso sentia-se. Percebia-se na magnificência da atitude assumida. Além disso, tinha uma relação quase pessoalizada com os violoncelos. Um Stradivarius, um Lockey Hill e um Montagnana. Instrumentos valiosos doados em testamento a diferentes instituições. O Montagnana, por exemplo, foi comprado pela Câmara Municipal do Porto e entregue ao Conservatório de Música desta cidade para patrocinar um Prémio Guilhermina Suggia. O produto da venda do Stradivarius serviu para patrocinar prémio semelhante em Londres. Acontece que no Porto,

por questões burocráticas, há já vários anos ninguém é distinguido com o Prémio Suggia. Em Londres, todos os anos há um aluno premiado.

É apenas uma, entre muitas histórias de abandonos. A casa de Suggia é outra das recordações da vida — entretanto morrera-lhe o pai, em seguida a mãe e depois a irmã, em 1947 —, Suggia, como diz Fátima Pombo, «está sempre a preparar-se para concertos, particularmente em Portugal ou em Londres. Ela era a artista preferida de Eduardo VII, de Austen Chamberlain — que, dizia-se, não gostava de música, a não ser a tocada por Guilhermina —, é amiga da rainha-mãe, de Balfour e íntima da duquesa de York».

Em 1948 é afectada por uma nevrite, que obriga a um repouso total da mão esquerda durante alguns meses. Recupera, mas não suporta as dores

para recordar desta mulher que jogava ténis, praticava remo e natação, conduzia um Renault preto, era extravagante no vestir e surpreendia as visitas com permanentes mudanças na arrumação da casa. Independentemente da idade ou das adversidades da vida — entretanto morrera-lhe o pai, em seguida a mãe e depois a irmã, em 1947 —, Suggia, como diz Fátima Pombo, «está sempre a preparar-se para concertos, par-

particularmente em Portugal ou em Londres. Ela era a artista preferida de Eduardo VII, de Austen Chamberlain — que, dizia-se, não gostava de música, a não ser a tocada por Guilhermina —, é amiga da rainha-mãe, de Balfour e íntima da duquesa de York».

Em 1948 é afectada por uma nevrite, que obriga a um repouso total da mão esquerda durante alguns meses. Recupera, mas não suporta as dores

abdominais. A doença começa a condicionar-lhe os movimentos. A viagem à América fica adiada para sempre. Ainda dá alguns concertos com sucesso em Inglaterra, mas a 31 de Maio de 1950 acontece o seu último recital, para os sócios do Círculo de Cultura Musical de Aveiro. Interpreta a Sonata de Locatelli e uma em Dó menor de Saint-Saens, além de pequenas peças de Boccherini, Bach, Fauré, We-

ber, Chopin, Schubert e Falla.

Depois de mais uma viagem a Londres para tratamento, Guilhermina Suggia morreu na sua casa do Porto, na noite de 30 de Julho de 1950, com 65 anos de idade. A Orquestra Sinfónica de Londres, dirigida por Sir Malcolm Sargent na Royal Academy of Music, deu um concerto em sua memória. À entrada, a dominar o «hall», impunha-se o quadro de Augustus John.

Na memória dos que a conheceram fica, porém, um outro quadro, nunca pintado e pouco visto, mas muito sentido. Talvez tenha sido verdadeiramente o último grande concerto de Guilhermina Suggia, apesar de, por uma vez, a audiência ser constituída por uma só pessoa. De uma gratidão infinita para com quem a ajudasse, Suggia nunca esqueceu o velho mestre Moreira de Sá. Quando soube que já a vida lhe escapava, foi visitá-lo no leito de morte. Levou o violoncelo e, no silêncio daquele quarto abafado, curvou-se perante o músico quase inerte. Fechou os olhos, fez deslizar o arco pelas cordas tensas e, como quem faz uma oferenda, deixou que a música parecesse a linguagem dos deuses. Tocou as Suites de Bach. Tocou suave e ternamente.

BIBLIOGRAFIA

Guilhermina Suggia ou o Violoncelo Luxuriante, de Fátima Pombo, edição da Fundação Eng. António de Almeida
Guilhermina, de Mário Cláudio, Biblioteca de Autores Portugueses, Imprensa Nacional Casa da Moeda
Pablo Casals, de Robert Baldock, edição de Victor Gollancz, Ltd.

PREÇOS MÁGICOS NA
de 13 Janeiro a 28 Fevereiro '97

Gillamp

Fim de Coleção
APROVEITE ESTA OPORTUNIDADE!

LISBOA AMOREIRAS: Av. Eng.º Duarte Pacheco - C.C. Amoreiras, Loja 1131-1000 Lisboa - Tel. (01) 385 84 25 - Fax (01) 383 34 53
LISBOA OLAIAS: Av. Eng.º Arantes Oliveira - C.C. Olaias, 1444-1900 Lisboa - Tel. (01) 848 32 59
LISBOA TELHEIRAS: Rua Fernando Namora, nº44 - 1600 Carnide Lisboa - Tel. (01) 716 75 81 - Fax (01) 716 75 82
ALMADA: Av. António José Gomes, nº62-A Cova da Piedade - 2800 Almada - Tel. (01) 274 34 78 - Fax (01) 274 39 60
CALDAS DA RAINHA: Rua Vitorino Frois, nº54 R/C - 2500 Caldas da Rainha - Tel. (062) 3 36 72 - Fax (062) 3 36 72
COVILHA: C.C. Monte Verde, Loja nº52, 64 Boi Dobra - 6200 Covilhã - Tel. (075) 32 43 47 - Fax (075) 31 36 19
SETUBAL: Centro Comercial Jumbo Axéda de Baixo - 2900 Setúbal - Tel. (065) 59 14 99 - Fax (065) 59 10 14